

# ALGUNS REQUISITOS PARA UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE ORIENTAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL (material de trabalho para elaborações posteriores)

Achilles Delari Junior

---

## I - REQUISITOS CONCEITUAIS GERAIS

Para que o trabalho social do psicólogo no ato de proceder a uma avaliação psicológica, possa ser considerado como pautado numa *perspectiva histórico-cultural em psicologia*, cabe sugerir que, pelo menos, os seguintes princípios sejam respeitados:

1. Priorizar a *explicação das causas* essenciais com relação à *descrição dos efeitos* aparentes dos processos psíquicos avaliados.
2. Prioridade da compreensão da *origem social* com relação à *origem inata* dos processos psíquicos avaliados.
3. Priorizar as *relações inter-funcionais e sistêmicas* com relação ao *funcionamento isolado e fatorial* dos processos psíquicos avaliados.
4. Priorizar as *possibilidades de superação* da pessoa avaliada com relação às suas *incapacidades e limitações* quanto aos processos psíquicos avaliados.

**Em síntese:** Priorizar a compreensão dos processos psíquicos avaliados como pertinentes ao desenvolvimento histórico da personalidade (integral e contraditória) de um *ser humano concreto*: (a) socialmente situado; (b) em constante transformação; (c) singular. Evitando, portanto, tomá-los como independentes do ser humano que os realiza, isto é, como sendo *entidades autônomas abstratas*: (a') descontextualizadas; (b') estáticas; (c') serializáveis.

“Essa mão é a mão de um de um homem”, “esse cérebro é o cérebro de um homem”, “essa memória”, “essa desatenção”, “esse defeito”, “esse talento”, são de um homem. Como diz Thomas Mann “não importa tanto a doença que uma pessoa tem, mas sim a pessoa que tem essa doença”. Mesmo um vírus que é uma coisa mais objetiva, segue leis químicas, não age do mesmo modo para/em diferentes seres humanos (não houve diferenças entre o HIV na vivência pessoal e social de Betinho ou o HIV na vivência pessoal e social de Cazuza, por exemplo?). Que dizer então de um “processo mental” que é muito mais dinâmico e multi-determinado do que um mecanismo bioquímico específico? Assim, a psicologia deve tratar de compreender *o homem que realiza esses processos* e lhes confere sentido na dinâmica total de sua existência social e pessoal, e não apenas os *processos mentais isolados como entidades*. O homem por sua vez, é um *ser social* (“zoon politicum” – Aristóteles), compreendê-lo é compreender suas relações sociais em seu desenvolvimento histórico. Fora disso o que é próprio da psicologia se perderá e qualquer pessoa poderá ler um manual de testes e aplicá-lo para obter números que medem fatores que se observam em atos exteriores. Um leigo não saberá dizer de onde eles vieram, como se formaram, como funcionam internamente, nem como vão se modificar no futuro com o suporte de um *outro social* (educador, familiar, profissional de saúde, etc.). Ao psicólogo é que caberia compreender tais determinações, desde que tivesse domínio científico para tal<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Como nem sempre o psicólogo tem tal domínio científico sobre quem é o ser humano e como sua personalidade como um todo se desenvolve, muitas vezes ele se limita a fazer o que qualquer mecanicamente faria, ao ler um manual de um teste, seguir suas regras e obter números como resultado. Justamente por isso é que se proíbe que os testes sejam usados por todos, pois isso poderia mostrar que qualquer pessoa alfabetizada seria capaz de seguir o que está num manual. E que o psicólogo aplicá-los ou não, não faria diferença alguma, uma vez que o que estivesse sendo avaliado fossem apenas comportamentos isolados. Se o trabalho de interpretar cientificamente os resultados for o principal contra os números, ninguém que não fosse psicólogo conseguiria aplicar um teste, pois não teria tal conhecimento, e assim as proibições seriam perfeitamente dispensáveis e mistério dissipado.

## II - REQUISITOS OPERACIONAIS ESPECÍFICOS

### 1 Avaliar processos emergentes, não só consolidados (problema da “*avaliação dinâmica*”)

Princípio prático orientador: Criar condições para que se avalie não só os processos psíquicos já consolidados pela experiência anterior da pessoa, mas também os processos que podem vir a se consolidar num futuro próximo com as relações sociais que ela puder estabelecer com aqueles de seu convívio.

Aqui entraria toda a técnica para combinar testes convencionais com atividades nas quais o psicólogo instrui a criança para realizar atividades que permitam saber sobre os processos mentais envolvidos, trabalhando para que eles sejam exatamente adquiridos na própria seção de avaliação. E assim registrar até onde poderia ir essa capacidade de aquisição de processos novos, com a ajuda do outro social. [*Veja o exemplo da matriz que eu criei para trabalhar no nosso “Psicologia na Rua”, em 1990. Naquela época isso era o que podia ser feito. Agora já contam 20 anos, coisas bem mais elaboradas podem ser criadas...*]

(continua)

### 2 Avaliar processos sociais, não só individuais (problema da “*avaliação situacional*”<sup>2</sup>)

Princípio prático orientador: Criar condições para que se avalie não só os processos psíquicos entendidos como algo que funciona, processa-se, exclusivamente em decorrência de uma dinâmica interna da pessoa avaliada, mas principalmente as relações sociais nas quais tais processos são postos em jogo em diferentes contextos da vida dela mesma. Tal princípio prático pode se desdobrar na necessidade de coletar dados sobre duas dimensões interligadas da vida da pessoa avaliada: (2.1) as situações sociais de seus processos mentais; (2.1) os sentidos que nessas relações a pessoa “interioriza”/produz para seus próprios processos mentais.

#### 2.1 Os processos mentais/psíquicos são sociais - relacionais e situacionais.

Exemplos hipotéticos:

- (a) “Na escola Carlos é desatento, mas em casa ao vídeo-game fica por bastante tempo focado na trama do jogo”;
- (b) “Junto ao pai José é obediente, frente à mãe é indisciplinado”;
- (c) “Ao dar uma palestra para um grande público, Diana é desenvolta e resoluta, em suas aproximações amorosas é tímida e insegura”;
- (d) “Com pessoas de bons modos, Márcia é pacífica e equilibrada, com pessoas mal educadas perde a paciência e fica agressiva”; etc.

Se pudermos concordar que situações como estas existem no mundo concreto e não apenas como exemplos hipotéticos, concluiremos que não existem apenas processos mentais isolados: (a) “atenção”; (b) “disciplina”; (c) “desenvoltura verbal”; (d) “equilíbrio emocional”, etc. Processos cuja medida pudesse se dar forma absoluta como, por exemplo: tem uma atenção sempre “89”, uma disciplina “46”, uma desenvoltura verbal “91”, um equilíbrio emocional “55”, etc.

---

<sup>2</sup> Claro que toda avaliação dinâmica é situacional e relacional, mas estou nomeando em separado aqui, dando ênfase para o fato de que mesmo que o psicólogo não tenha como estar em todos os lugares nos quais se desenvolve o drama das relações e papéis sociais da pessoa avaliada, ele precisa ter recursos (entrevistas, questionários, análise de documentos como projetos pedagógicos de escola, etc.) que permitam trazer para ele algum retrato de diferentes contextos em que a pessoa vive, estabelece suas relações e realiza ou deixa de realizar suas potencialidades.

Isso não será invariável – a própria situação social de aplicação dos procedimentos para obter tais medidas pode fazer com que elas variem. Portanto, existem também as situações sociais nas quais esses processos são postos em jogo, e em última análise também nas quais eles *passam a existir* como tais, pois não nascemos com capacidade de prestar atenção já pré-definida, nem de obedecer a regras sociais, de sabermos nos expressar em público ou na vida privada, nem de controlar nossas emoções. Tais situações precisam ser colocadas em pauta como algo a ser investigado numa avaliação psicológica de orientação histórico-cultural.

A pergunta não pode ser apenas:

- “*como são ‘estas funções psíquicas’?*”.

Mas também e fundamentalmente:

- “*em que situações sociais estas funções psíquicas são assim, em quais são diferentes, e por que isso acontece?*”

(continua)

## *2.2 Os processos mentais ganham sentido na vida de alguém – são semanticamente estruturados*

Tanto quanto cabe saber das diferentes situações sociais em que os processos são postos em jogo e ganham função cabe saber algo sobre os sentidos que nelas a pessoa produz para os mesmos. Por exemplo, “inteligência” e “senso crítico” aguçados podem valer como algo que se preza e se incentiva, mas também podem valer como algo que aborrece e causa incômodo, desconforto para as pessoas ao redor e para o próprio sujeito tido como “crítico” e/ou “inteligente”. A “memória” muito vívida e capaz de resgatar complexos detalhes de situações distantes no tempo, pode ajudar no campo do conhecimento científico, da pesquisa, e/ou de práticas profissionais das mais variadas, mas também pode causar desconforto quando não se consegue esquecer situações desagradáveis do passado. Então não basta saber “inteligência”: QI=130; memória: “QM”=145. Falta ainda perguntar: que sentido isso tem para essa pessoa? Isso é bom para ela? Ela está satisfeita com o que isso lhe proporciona? Disse Vigotski que o mais importante não quanta inteligência uma pessoa tem, mas que uso faz dela. O exemplo da ficção no cinema é Forest Gump, ele era limitófe, mas conseguiu se dar bem por exemplo no exército, e jogando ping-pong. É uma ironia do roteirista, para criticar o exército e os jogos repetitivos. De fato um estrategista militar precisa ser muito inteligente, por exemplo, e um mesatenista pode ter um QI invejável. Contudo, qual a mensagem principal? É que ele tinha um bom caráter, usava bem os recursos medianos que possuía e assim obteve vários sucessos. Outras pessoas podem ser geniais e não utilizarem isso de modo proveitoso para a sociedade e tampouco para elas mesmas, desperdiçando ou guardando seus talentos (para usar agora a metáfora bíblica).

Uma avaliação psicológica de orientação histórico-cultural, uma vez que, pelos princípios teóricos acima (parte I), se importa com o homem concreto, precisará levar em conta os sentidos que este homem dá para as suas próprias capacidades e limitações. Posso ter limitações e isso me dar o sentido de desejo de superar, ou o sentido de desistir e me conformar com o que hoje consigo, ou ainda o de desistir sem me conformar e permanecer indefinidamente frustrado e entristecido por não conseguir realizar o que desejaria, etc. Essas diferentes atitudes de produção de sentido para uma “mesma” limitação, são, na perspectiva de Vigotski, medidas por significados sociais. Esse é um ponto a ser explorado.

(continua)

\* \* \*

Umarama, 21 de abril de 2010, com base na discussão de estudos do dia 20 de abril.